

Da experiência clínica, dos estudos interdisciplinares*

From clinical experience, from interdisciplinary studies

De l'expérience clinic, des études interdisciplinaires

Betty B. Fuks**

Resenha de *O defeito no universo: sexualidade, política, inconsciente* de Claudia Moraes Rego. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2023. 260p.



O defeito no universo: sexualidade, política, inconsciente nos convida a acompanhar o trajeto de alguém que, a partir de sua escuta, decide levar à instituição da qual é membro alguns fragmentos clínicos importantes, em torno dos quais surgiram várias discussões e, mais tarde, determinaram a montagem de um seminário em torno do mal-estar contemporâneo. O produto dessa aventura se encontra registrado aqui por meio de uma escrita clara e refratária aos jargões e mesmices que inundam o universo da literatura psicanalítica, sob a forma de ensaios fortemente articulados que podem ser movimentados com facilidade entre suas quatro seções. Observa-se também que todos os ensaios testemunham que o processo analítico, por mais que trate da história do sujeito, faz parte da História.

A arte que permitiu Claudia Rego a tirar proveito dessa realidade foi a de saber construir diálogos com outros campos de investigação, seja para colher frutos que viessem enriquecer a teoria e a clínica freudianas, seja para situar com precisão a especificidade da psicanálise diante de outros saberes. Nesse sentido, seguindo a orientação de Freud de que poetas e escritores se encontram à frente até mesmo dos “cientistas da alma” (expressão que lhe era cara), ela estabeleceu um diálogo com a “prosa miúda” de Franz Kafka, para melhor dizer o impossível de ser dito ou aquilo que nos coloca “num campo fora da lógica universalizante do pai de família, da propriedade, do conceito e do sentido” (p. 40), vale

* Essa resenha foi retirada do Prefácio, de minha autoria, que integra o livro *O defeito do universo*.

** Psicanalista. Doutora em Comunicação e Cultura (1998) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professora do Programa de Pós-graduação em Psicanálise, Saúde e Sociedade da Universidade Veiga de Almeida (UVA), Rio de Janeiro.

dizer, perante “o defeito no universo”, expressão usada por Lacan para designar a falta que desarranja o todo.

Os estudos interdisciplinares, como indicado por Roland Barthes, situam-se além do exercício de “confrontar disciplinas já constituídas das quais, na realidade, nenhuma consente em abandonar-se” (Barthes, 1988, p. 99). Não basta escolher um tema sobre o qual duas ou mais ciências são convocadas a refletir. Trata-se de delinear espaços de conhecimento excludentes, diferentes, próprios, embora possivelmente dialógicos, à condição de que não haja confronto nem, muito menos, complementariedade, e sim apenas criação, o devir de algo não dito. A interdisciplinaridade, assim, exige abertura ao outro – o estrangeiro que se hospeda em nossa casa ou o hospedeiro que acolhe o estrangeiro – no decorrer de um percurso que envolve dizer alguma coisa, ainda que obscura e confusa.

Não por acaso, essa definição ilumina a estrutura do ensaio de abertura do livro. Claudia de Moraes Rego perscruta o encontro de um historiador atravessado pelas questões do poder, Michel Foucault, com as memórias de um sujeito intersexo, Herculine Barbin, e propõe um exame do mal-estar na contemporaneidade, à luz das questões de gênero, que não tinham a dimensão que hoje têm, e de uma abordagem psicanalítica do autor|a das memórias. Ao mesmo tempo, pergunta-se sobre o papel da ciência que se propõe a corrigir as discrepâncias anatômicas de bebês intersexo e os problemas genéricos apresentados pelos transexuais. Ao fim do texto, que tem como norte a bioética e a biopolítica como operadores políticos, bem como a questão da sexuação do sujeito segundo o conceito lacaniano de *hétéros*, Claudia reconhece que a escrita das memórias é uma tentativa de Herculine Barbin de falar de si para além do sexo biológico, correspondendo a uma maneira de demonstrar a ideia freudiana de que a sexualidade humana é o que existe de mais revolucionário no homem, o que marca sua passagem da natureza (instinto) à cultura (sexual).

A segunda seção do livro, *Inconsciente e política*, é efeito do diálogo explícito e entusiasmado com pensadores dos campos da filosofia, das ciências políticas e sociais, e da teoria crítica do século XX, como Karl Marx, Michel de Certeau, Theodor Adorno, Max Horkheimer, Gilles Deleuze e Jacques Derrida, e do século XXI, entre os quais Ernesto Laclau, Judith Butler, Slavoj Žižek e Yannis Stavrakakis. Nota-se que, em nenhum momento, a autora tenta suprimir diferenças sob a aparência de uma continuidade de campos bem definidos. E que não é menosprezável, em “Mal de arquivo na contemporaneidade”, o fato de que dialoga com os ensinamentos de Jacques Derrida sobre o *mal de arquivo*, o seu avesso, para, em seguida, mergulhar em *Grande sertão: veredas*, o romance modernista de Guimarães Rosa. Claudia busca a literatura para contemplar a especificidade da prática psicanalítica, dando voz a Diadorim, o amado de Riobaldo, ex-jagunço que, em sua narrativa de lutas, confessa medos que determinam a repressão de seu amor por um homem que a morte revela ser uma mulher. A leitura à letra do romance tanto tem o poder de “recriar” um dos arquivos mais importantes da literatura brasileira quanto nos leva a indagar o modo de pensar a política da teoria da sexuação, isto é, a ausência da relação sexual.

Não à toa, serve-se do famoso aforisma lacaniano “o inconsciente é a política” para criticar certas leituras que incidem numa série de equívocos, desde mascarar a força da teoria psicanalítica em sua crítica às utopias até o despropósito de transformar a práxis psicanalítica em militância. Essa é a razão pela qual insiste veementemente na proposta lacaniana de que a clínica psicanalítica é uma prática de letra: ler as letras e os brancos da escrita psíquica, de modo a “despi-la de suas vestes significantes”.

Tal posição, por si só, demarca a diferença entre o método da leitura psicanalítica e a militância política. A questão assim colocada é a *aceitabilidade* de que a psicanálise não pode tornar-se uma visão de mundo a prometer revoluções, porque sua função na cultura é justamente a de evidenciar *o defeito no universo*. O que não quer dizer que o analista não possa ocupar o lugar de crítico da cultura que testemunha, nem que a teoria psicanalítica, a metapsicologia, não tenha serventia às teorias políticas que se vêm desenvolvendo desde o início do terceiro milênio. Entre estas, a teoria sobre a transexualidade, a teoria pós-colonial e as novas teorias sobre a potência feminina que buscam compartilhar em regime democrático um dizer em nome de todas e todos: mulheres, homens, lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, queers, intersexos, assexuais e demais identidades de gênero e orientação sexual que não se encaixam no padrão cis-heteronormativo.

Em seguida, não é difícil perceber que os ensaios coligidos na seção *História e histeria* foram escritos em íntima consonância com a confissão de Freud, ainda nos primórdios da psicanálise, sobre o assombro que sentiu ao dar-se conta de que seus casos clínicos eram lidos como novelas. Orientada pelo ensino de Lacan, a autora tematiza, de forma original e precisa, o processo de historicização no decorrer de uma análise, valendo-se do neologismo *hystoire*, de Lacan, para abordá-lo no âmbito da História e de suas consequências para o psiquismo de uma nação. O ensaio “Matou-se Getúlio”, por exemplo, além de revelar um trauma histórico nacional, traz à baila a possibilidade de, no decorrer de um trabalho interdisciplinar, o pesquisador enunciar algo até então não dito.

Já “Viena vermelha” é um ensaio que tem como eixo um capítulo recalcado da história da psicanálise revelado pela pesquisa de Elizabeth Ann Danton sobre as clínicas públicas fundadas por discípulos de Freud, os quais, sob sua supervisão, deram início e ampliaram o reconhecimento da psicanálise pelo Estado. Um movimento ocorrido no entreguerras e à sombra do antissemitismo latente, mas que ganhou força e projeção nos anos 1920 em Viena e em Berlim, promovendo a extensão da psicanálise às classes sociais menos favorecidas.

Não apenas o projeto de tratamento gratuito à população carente da Viena vermelha se associou a um programa de habitação que até hoje é considerado modelo de urbanismo, como também os primeiros analistas da história puseram em prática a transmissão da psicanálise, oferecendo conferências e cursos de formação nessas clínicas sociais e em outros espaços públicos, nos quais se encarregaram de implantar uma educação popular e introduzir temas tabus, como os direitos dos homossexuais e o direito ao aborto. Consequentemente, ao tomar a pesquisa de Danto como orientação para as suas reflexões sobre a responsabilidade social e política da psicanálise e do psicanalista, Claudia de Moraes Rego retorna aos textos freudianos “Considerações contemporâneas sobre a guerra e a morte” (1915) e “Por que a guerra?” (1933), que tratam da terceira fonte de sofrimento humano, a facticidade da relação entre os humanos, como um caminho para perquirir a aliança indelével entre barbárie e civilização, resgatando, assim, os elementos necessários para afirmar que a psicanálise, desde os seus primórdios, mantém um compromisso político para com a civilização.

Na quarta e última seção, *Escritas e aventuras subjetivas*, a atualidade do ensaio “Nós, quem, cara-pálida?” chama atenção. No momento em que o Brasil assiste ao genocídio final do povo Yanomami, a denúncia do xamã Davi Kopenawa de que a destruição da floresta amazônica leva a cabo de modo invisível a morte dos povos indígenas é a via pela qual a autora adentra o campo da antropologia e toma contato com o perspectivismo ameríndio. Num mergulho instigante, vale-se da obra do antropólogo Eduardo Viveiros de Castro, na qual encontra um saber pertinente ao exame do próprio

processo psicanalítico, e privilegia, em seu retorno ao campo da psicanálise, o “virar outro” yanomami que, para o antropólogo, quer dizer que os “índios são deleuzianos”. Nesses termos, um devir outro significa partir de um ponto indeterminado que possibilita o conhecer não mais como um modo de “representar o desconhecido, e sim de delimitá-lo, interagindo com ele” (p. 179).

Encontramos neste ensaio muitas articulações originais que, além de fundamentais à apreensão das dimensões teórica e clínica da psicanálise, levam você, caro leitor, a uma profunda reflexão sobre a barbárie contemporânea. Por causa disso, ele é paradigmático do que enunciei ao início: trata-se de um escrito móvel, ou seja, pode estar em qualquer uma das seções da obra, já que revela a indissociabilidade entre a estrutura psíquica do sujeito e o mal-estar na contemporaneidade.

Enfim, tem-se aqui um conjunto de 16 ensaios decorrentes de uma pesquisa, a um só tempo, clínica e teórica, que busca na interdisciplinaridade expandir o pensamento e a prática próprios à psicanálise. Suas análises cuidam de refletir sobre a contemporaneidade para recuperar o vigor e as consequências da descoberta do inconsciente. Com isso, suscitam um frutífero questionamento da vigilância ética do psicanalista em relação à política da psicanálise e sua função na cultura.

Boa leitura!

Referências:

Roland BARTHES. “Jovens pesquisadores” (1972). In: *O rumor da língua*. Tradução de Mario Laranjeira. São Paulo: Brasiliense, 1988.

Citação/Citation: Fuks, B. *Da experiência clínica, dos estudos interdisciplinares*. *Trivium: Estudos Interdisciplinares* (Ano XVII, no. 2), p. 117-120.

Recebido em: 21/09/2025
Aprovado em: 10/10/2025